

A Uretra Beatífica

Gritante Jaime Falcanito acorda rodeado de animais mortos, velas vermelhas, penas de pássaros e embalagens take-away de comida haitiana. Escrito com sangue na parede do quarto lêem-se as palavras “Enfiás beata na picha paraíso”. O corpo de Jaime está repleto de pequenas setas vermelhas desenhadas com batom que apontam para a ponta da sua picha – o tronco, as pernas, a cara, tudo coberto de setas.

Depois de alguns minutos a olhar para a parede, Jaime decide cuspir numa beata de cigarro e enfiar a beata pela uretra adentro. De imediato sente aquilo que sentiria se alguém lhe sugasse o falo. E permanece em transe absoluto até ejacular e sentir um líquido embater-lhe na goela. Cospe o líquido para a mão e constata que se trata de sémen. Olha para a cama e para o tecto e não encontra o sémen que deveria ter saído da picha.

Em poucos minutos Jaime compreende o mecanismo de funcionamento do seu novo poder. Como a beata utilizada era sua, Jaime sentiu aquilo que sentiria se ele mamasse o próprio falo. Ao ejacular, o sémen acabou na boca que realizava magicamente a sucção. De súbito, Jaime é invadido por infinitas possibilidades de prazer e gratuitas amostras de poder.

Horas depois Jaime chega ao bar do costume, pede uma cerveja no balcão e observa a deslumbrante esposa do barman fumar. Quando ela apaga o cigarro, Jaime pega num cinzeiro vazio e troca-o com o cinzeiro da mulher. Enquanto a mulher agradece e o barman liberta um olhar pouco amistoso, Jaime rouba a beata e encaminha-se para a casa-de-banho. Depois enfiar a beata na uretra e, enfraquecido pelo prazer, cai de joelhos no chão. Assim que ejacula, Jaime veste-se e toma o seu lugar no bar.

A mulher do barman tosse convulsivamente enquanto o marido olha para a mistela branca que foi cuspidada no balcão. Para o barman, a mancha, a textura, o cheiro, são terrivelmente familiares.

A mulher sempre se recusou a engolir o sémen do marido.

Supostamente, a mulher passou o dia todo no centro comercial.

Tomado por uma fúria irracional, o barman pega num pouco da mistela, cheira-a, prova-a, grita “minha puta” e pega numa garrafa de whisky e parte-a na face da esposa que imediatamente cai da cadeira a sangrar. Jaime desata a rir histericamente e foge quando o barman lhe arremessa um olhar furioso e uma garrafa de gin.

Jaime acha profundamente lamentável que o líder de uma nação, a poucos metros de um caixote do lixo, atire a beata do cigarro para o chão. Mas Jaime acha extremamente divertido que o castigo por tal indelicadeza seja vomitar o jantar e uma boa quantidade de esperma durante o mais importante debate de uma campanha presidencial.

Jaime acha ainda mais divertido colocar uma nota de mil euros num balcão e dizer “aposto com qualquer gajo presente que o presidente se vomita todo quando eu for mijar”. Jaime acha pouca piada a maus perdedores que tentam reaver o dinheiro perdido através de violência. Por isso, mesmo antes de fugir do bar, Jaime rouba dois cinzeiros e vai para casa beber champanhe, sentir o seu pénis ser sugado por gordos barbudos e rir até à exaustão.

Na manhã seguinte Jaime sente os testículos arranhados.

Jaime acha deplorável rondar os caixotes do lixo do lar da terceira idade às três da manhã. Jaime detesta vasculhar as fraldas cheias de merda rala amarelo-fluorescente e comida mal digerida. Jaime detesta recordar que costuma roer as unhas enquanto vasculha os caixotes do lixo do lar. Jaime detesta o cheiro a medicamentos e a últimas horas de vida. Mas Jaime adora as mamadas das velhas sem dentes, principalmente se sofrerem de Parkinson.

Algumas freiras fumam.

Jaime passou meses a recolher as beatas das freiras.

Escondido nos arbustos, Jaime observa os bispos chegarem em carros luxuosos para resolverem o mistério da matéria branca.

Jaime questiona-se acerca da percentagem de freiras que reconhece a matéria branca como sendo esperma. Jaime sabe que os padres sabem o que é a matéria branca.

Jaime ronda a abadia há meses. Jaime tem paciência. Jaime espera por um bispo fumador com um cinzeiro cheio no carro para confundir e atormentar ainda mais o Todo-Poderoso Clero.

Quando a azáfama na abadia acalma, Jaime escreve a vermelho numa parede dos claustros “as putas das freiras engolem”.

Jaime adora as missas dos padres que fumam.

Jaime continua a fazer políticos vomitar. Compra um saco cheio de beatas ao motorista de um político. Faz o político vomitar em três comícios consecutivos. Depois envia cartas ao político a anunciar a solução para o seu problema. O desespero faz o político pagar uma larga soma e Jaime abstém-se de utilizar a beata no comício seguinte. O político pensa então que o problema está resolvido e recusa-se a dar mais dinheiro a Jaime. Este abstém-se de ejacular durante um mês. Então, numa aparência televisiva importante, o político sente o seu problema renascer furiosamente quando uma torrente de gosma branca lhe jorra da boca e do nariz. Milhares de telespectadores. Milhares de eleitores. O pobre político é obrigado a mudar os seus ideais inabaláveis para um partido mais pequeno e passa a pagar uma mensalidade a Jaime.

Mais tarde, Jaime aplica este modelo de extorsão num jogador de xadrez profissional e numa cantora pop com resultados bastante satisfatórios.

Com os elevados rendimentos que as apostas e chantagens rendem, Jaime ronda os clubes mais distintos e pilha as beatas das atrizes, cantoras, modelos e socialites mais famosas e deslumbrantes da actualidade. Jaime diverte-se a tentar adivinhar quais das mulheres vão engolir ou cuspir. A maioria engole para não perder a compostura. Então Jaime passa largos períodos a ver pornografia e a masturbar-se, mas sempre sem ejacular. E consulta especialistas de fertilidade e toma em doses industriais medicamentos e batidos que aumentam a quantidade de esperma. Depois coxeia de colhões sobrecarregados para os sítios mais in e escolhe os momentos mais escandalosos para usar uma beata e libertar a sua sobrenatural carga.

A era de terrorismo social de Jaime termina quando uma celeberrima socialite sexagenária morre engasgada enquanto dá uma entrevista sobre a sua centésima sexta operação plástica. Para choque de familiares e amigos, o médico que operou a falecida, para evitar ligações entre a morte da sua cliente e a recente operação, torna público o relatório da autopsia.

Jaime adquire em leilão uma beata que pertencera a Marilyn Monroe. Mas a mamada do outro mundo desilude-o completamente – sente aquilo que sentiria se enfiasse a picha num monte de pó. Então Jaime chora. Sente que explorou todo o potencial do seu poder mágico. Jaime deseja conhecer quem lhe ofereceu os poderes ou outras pessoas que tenham recebido poderes. O seu desalento é tamanho que Jaime mal interfere no concurso de Miss Universo.

“O que mais desejo é paz e compreensão entre os pov...”

Numa noite de nevoeiro, Jaime depara-se com um cartaz do Circo de Habilidades e Horrores Humanos. Quando chega ao circo, Jaime sente a picha entesar de imediato. A atmosfera bizarra e insana do circo sugere-lhe que aquela noite lhe reserva a mais inesquecível das mamadas.

Numa das jaulas desenrola-se um combate de boxe entre dois gémeos siameses unidos pela nuca. Num palco escuro realiza-se um número tradicional – um mago de serrote em riste chama a sua assistente e enfia-a num caixão. Depois o caixão é serrado ao meio. Sem qualquer truque. A mulher berra e agita-se dentro do túmulo. A multidão solta urros de espanto e horror, principalmente quando a coluna vertebral da mulher é serrada.

Mais adiante Jaime encontra números mais inofensivos mas também menos interessantes. Um circo de pulgas. Um velho pernetá com um língua negra colossal e um penso ainda maior a envolver-lhe as nádegas grita “Exiep! Exiep! Exiep!” e faz vários peixes atados ao tecto descerem velozmente. Um enorme rato asqueroso num colete azul bebe whisky e fuma e toca piano. Um gorila malabara pigmeus.

Mas o último palco que Jaime contempla surpreende-o brutalmente com promessas de glorioso prazer. Uma contorcionista polaca nua eleva-se sobre as mãos enquanto maquilha os olhos com os pés, enrola um cigarro com a língua e parte nozes com os lábios vaginais. Depois acende um fósforo com os pés e incendeia o cigarro, deixa-o deslizar dos lábios superiores e agarra-o em pleno voo com os lábios inferiores. Depois suga algum fumo e liberta da vulva um círculo de fumo perfeito, para delírio do público. As cortinas caem, o público aplaude fervorosamente e Jaime quase desmaia de desejo. Quando se recompõe, Jaime atravessa as cortinas e vislumbra ao longe a contorcionista polaca a caminhar na direcção das roulotes. Silenciosamente, Jaime segue a mulher e observa a lua cheia, enorme e vermelha, a brilhar por entre as pernas nuas da contorcionista. Esta entra numa roulote e o seu perseguidor esconde-se atrás de alguns sacos do lixo amontoados. Na porta da roulote lê-se “Ignatova”. Enquanto espera, Jaime questiona-se sobre como reagirá a sua uretra mágica a um cigarro que esteve dentro de uma vagina. E sussurra baixinho “Ignatova”.

Dentro da roulote está uma mulher velha e feia a enfiar queijo na vagina. À sua volta circulam dezenas de ratos. A contorcionista puxa uma cadeira, acende um cigarro e diz:

“Seguiram-me outra vez.”

“Porreiro.”

“Como fazemos desta vez?”

“Vai levar este lixo. Se ele fizer alguma coisa furo-lhe os cornos.”

“Da outra vez o coitado só queria um autógrafo.”

“É diferente. Da outra vez tinha pouca comida e tinham nascido mais seis ratos.”

A contorcionista sai da roulote e deixa o saco do lixo perto do esconderijo de

Jaime. Este nem respira até a contorcionista reentrar na roulote. Depois, incapaz de se conter, agarra no saco, rasga-o, e quase grita de entusiasmo quando descobre dezenas de beatas. Pega numa, cospe-lhe em cima e enfia-a na uretra. De imediato sente uma dor descomunal percorrer-lhe o caralho e solta um rugido animalesco. Olha para baixo e constata, horrorizado, que o seu caralho mágico sangra abundantemente. Em pânico, tenta retirar a beata mas a dor insuportável impossibilita-o de cumprir tarefa tão delicada. Por fim, o desespero leva Jaime a arrancar metade do membro ensanguentado e mordido. Depois Jaime levanta-se e é atingido mortalmente por Ignatova, a domadora de ratos.

Dentro da roulote, a velha Ignatova guarda a arma, abre mais a janela e diz:

“Já temos mais comidinha, meus meninos. Podem ir comer.”

“Coitado, está a sangrar. Está doente.”

“Doente? Está morto. Tarados de merda.”

“Estou a falar da tua nova estrela.”

Ignatova olha para o seu rato sangrar abundantemente da boca. O rato é muito maior que todos os outros. Veste um colete azul e tem dentes verdes, enormes e afiados que seguram um cigarro ensopado em sangue.

Ignatova afaga o rato e diz:

“Doente. Pudera. O cabrão fumou e bebeu tanto até aprender o novo número. A certa altura pensei que se enganava de propósito.”

O rato solta um grunhido semelhante a uma gargalhada. Depois cospe a beata e salta pela janela para juntar-se ao festim que inaugurou.